

CEDI - P. 1 B.
DATA 13 06 90
COD. 0TD14

SEMANA DO ÍNDIO 89

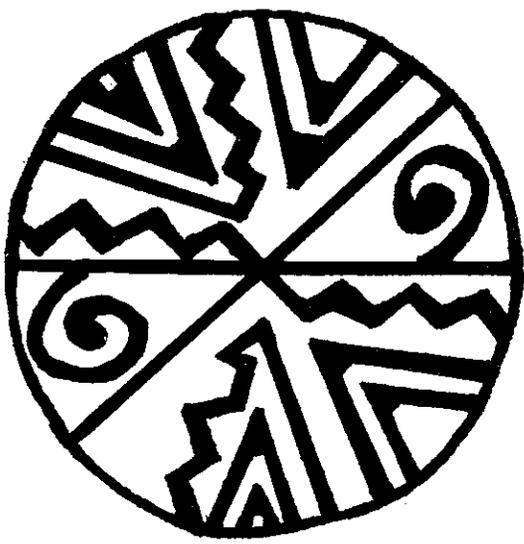
PROGRAMAÇÃO



19 de Abril: "ATO PÚBLICO E CULTURAL"
Praça Ary Coelho - 9 h

20 de Abril: "EXPOSIÇÃO DE ARTESANATO INDÍGENA"
SESC - Av. Afonso Pena, 3469

Horário: das 8 h às 18 h



PROMOÇÃO

- KAGUATECA
- CIMI
- CTI
- GAIN - CG
- PKN
- UNI - MS

APOIO: Conselho Estadual dos Direitos do Índio (CEDIN)



Em Mato Grosso do Sul, o 2º Estado do Brasil com maior número de índios, os povos indígenas passam por momentos difíceis, estando em risco a sua própria sobrevivência. Aqui 30.000 índios moram em aldeias, muitas delas em terras não demarcadas, apesar de reconhecidas pelo Governo Federal como "terras indígenas".

Na verdade, o que ocorre no Mato Grosso do Sul e no país é o extermínio dos povos indígenas e a tentativa de incorporar suas terras ao processo considerado "produtivo", com a ampliação do número de trabalhadores braçais disponíveis para a classe dos proprietários. Tanto é verdade, que aqui muitos índios trabalham nas fazendas e usinas de álcool, recebendo por isso salários mais baixos que os já baixos salários dos trabalhadores não-índios. Também as periferias das maiores cidades do Estado, como Dourados, Corumbá e Campo Grande, vêm sendo progressivamente inchadas com a presença de índios que perderam suas terras.

O Mato Grosso do Sul tem cara de índio. Mas aqui eles são mais conhecidos como "bugres". Isto é uma forma de negar a eles o direito de serem Guarani, Kaiowá, Terena, Guató, Kadiwéu, Ofayé ou outro. É uma forma, trágica, de negar a própria cultura brasileira e sul-mato-grossense.

• GUARANI

Habitam o Mato Grosso do Sul dois sub-grupos do tronco Tupy-Guarani: os Kaiowá e os Nandeva. São hoje perto de 18 mil. É um dos maiores povos indígenas do Brasil e as razões dessa sobrevivência são motivo de estudo: fala-se em "resistência Guarani", mas o que se tem como certo, é que eles são acima de tudo "fiéis à si mesmos e ao seu modo de ser"; isto é, fiéis à sua religião e cultura. Em outras palavras, os valores e o materialismo dos brancos não conseguem provocar seu interesse e alterar a mentalidade Guarani. Eles seguirão sempre, acreditando nos seus Deuses, nas suas danças e na sua "terra sem males".

Os Guarani são reconhecidamente legítimos ocupantes de 24 áreas ao sul do Estado. Mas em 13 dessas ocorre uma disputa violenta com fazendeiros que reivindicam direitos sobre as mesmas, sendo constantes as expulsões dos indígenas. Raros desses pretensos proprietários conseguem apresentar documentação de propriedade. E comprovadamente, todas elas foram obtidas em negociações ilegais com órgãos e membros do Governo.

• TERENA

Subgrupo da grande nação Guaná, habitante do chaco desde a era pré-colombiana. Instalaram-se entre os rios Miranda e Aquidauana ainda no século XVIII. Com a chegada dos portugueses foram escravizados, abolida a escravidão, continuaram presos aos padrões por contas intermináveis. Com a guerra do Paraguai, suas aldeias se dispersaram. No início deste século os Terenas foram reagrupados em três reservas: Cachoeirinha, Ipegue e Lalima, nos municípios de Miranda e Aquidauana. Mais tarde, surgiram as de Passarinho, também em Miranda, Buriti em Sidrolândia e Brejão em Nioaque.

Com a demarcação dos territórios, os Terena conseguiram retomar o processo de reorganização interna, afirmando a identidade étnica do seu povo, e apresentando um crescimento demográfico surpreendente. Hoje, vivem basicamente de agricultura e do artesanato, que comercializam ou trocam, nas feiras locais ou nas cidades próximas. Mas suas reservas estão ficando pequenas para todos nelas produzirem. Convivem e

conhecem a cultura do branco, mas não abrem mão de seus valores antigos, que estão fortalecendo a resistência do povo Terena. 3

• KADIWÉU

Da família linguística Guaicurú, os Kadiwéu contam o seu modo de vida através de lendas. Dos cavalos, falam que "certa vez roubaram um, mas não sabiam pra que servia e não ficaram satisfeitos com ele - pra quê esse monstro? Ibis ouviu e contou a Ninigo, filho de Gô-noêno-hôbi. Este pegou uma fruta de jenipapo e fez tinta. Pintou sobre a lua um homem montado num cavalo. O retrato não saiu muito bom, mas os índios entenderam. Desde então, tiveram muitos cavalos". Foram os primeiros e os melhores cavaleiros da América do Sul.

Guerreiros, foram um grande obstáculo à ocupação européia na região. Fizeram aliança de nação para nação com o Brasil, durante a guerra do Paraguai e em reconhecimento pela participação dos guerreiros Kadiwéu na guerra, o Governo Imperial "doou" o território onde hoje habitam.

Mas através do comércio, principalmente da cachaça, os brancos foram chegando. E os criadores de gado foram se estabelecendo, na terra deles, com o apoio do SPI e da FUNAI.

• OFAYÉ

Eram milhares de Ofayé-Xavante caçando e coletando o mel e os frutos da terra. Da foz do Sucuriú às nascentes do Vacaria e do Ivinhema.

Eram tímidos e gentis. Extremamente pacíficos.

Mas foram caçados e quase exterminados pelos brancos, que alegavam defender suas cabeças de gado.

Sobrevivem ainda, apesar de muito reduzidos, defendendo um jeito só seu neste mundo e nesta terra. Ensinando a sua língua e sua história para os pequenos Ofayé, que continuam a nascer apesar do cerco e da miséria.

Eles reconhecem a sua terra. Mas o governo os ignora.

Entretanto, acreditam em Deus. E esperam para ver a Sua Justiça.

• GUATÓ

A mais legítima gente pantaneira, são os Guató.

Passam mais tempo em canoas que nas próprias casas.

Até sua comida é mais líquida, cozinhando peixes e carnes em água, ao invés de assá-los em brasa como fazem muitos outros povos.

São belos, altivos, leais e gentis. Hábeis no manejo dos barcos e das armas de caça.

Artesãos, fazem os instrumentos de que necessitam do barro e da madeira, cascas e folhas das árvores. Fazem até tecidos de seda, com fibras tiradas da imbirá de Tucum.

Unidos ainda por uma língua viva, que só eles conhecem, os Guató correm porém, o risco de desaparecerem como povo, se o Governo não reconhecer já, com a demarcação, os direitos que eles têm à sua terra, hoje ocupada pelo gado e pelo exército.

Muitos Guató estão dispersos pela região, expulsos da sua Ilha, a sua terra sagrada, que fica em Bela Vista do Norte, três dias rio acima de Corumbá.

Antes a Ilha era todinha deles, mas agora eles ocupam só um pequeno pedaço. Como diz a índia Josefina, "Guató sempre soube viver sem acabar com o mundo, tirando só o de comer". Por que o homem branco não pode fazer o mesmo?

"A nossa voz é embargada por aqueles que se dizem dirigentes desse grande País. Eu deixo aqui o meu apelo, apelo de 200 mil indígenas que habitam e lutam pela sua sobrevivência nesse País tão grande e tão pequeno para nós". Marçal Tupã-y

